



Código: 11

O Método Materialismo Histórico Dialeítico (MHD) permite compreender a dinâmica das relações sociais da Sociedade Bourguesa na perspectiva da totalidade. Nessa perspectiva afirmamos que as relações Sociais de Classe, Raça/étnica e Gênero são dinâmica da Sociedade Capitalista nos níveis de exploração e opressões que se expressam no racismo e no patriarcalismo (Silva, 2017).

As relações Sociais não são relações antagônicas sustentadas na divisão social do trabalho que dividem a Sociedade Capitalista não apenas em classe, mas também na divisão racial e de gênero do trabalho.

O Método Materialismo Histórico Dialeítico permite compreender que o Racismo e patriarcalismo foram instrumentos de dominacões utilizados desde a Brasil Colonial na divisão social e de gênero do trabalho.

Na Realidade Brasileira o Racismo e o patriarcalismo serviram para garantir o processo de desenvolvimento econômico reduzindo o valor da força de trabalho por meio do trabalho escravizado e da desvalorização do trabalho dos negros e negras (Almeida, 2014). Os negros e negras foram desumanizados, tido como raça inferior, esgotando, no processo de acumulação Capitalista, um exército industrial de reserva para garantir a redução dos salários (Almeida, 2014). Os negros serviram ao trabalho doméstico não pago ou mal pago, mas não só. Com o desenvolvimento do Capitalismo Brasileiro dependente a mão de obra negra foi substituída pela mão-de-obra dos imigrantes mantendo negros e negras fora do mercado de trabalho ou no trabalho informal mal remunerado (Vieira, 2019).

Portanto, a realidade Brasileira mostra que não é possível, dentro do MHD, se apropriar do debate de classe sem considerar o debate racial e de gênero. Flores Maia e Lélia Gonzalez afirmam que no Brasil a apropriação do Método MHD ocorreu sem essa apropriação desconsiderando a realidade o que implicou na definição da análise da classe trabalhadora brasileira. E Guerra (2018) afirma que na compreensão da questão social no Brasil e dos fisiários do Serviço Social. Autres marxistas brasileiros da teoria da dependência forneceram a base para compreensões de que na realidade brasileira o debate de classe



EM BRANCO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Código:

11

mão perde se desvincular do debate da questão social e de gênero. Apesar de não explorarem a questão de raça e gênero trazem o debate de capitalismo contemporâneo sustentados no processo de superexploração do trabalho. Marini (2011) trás o conceito de superexploração sustentado em 3 pontos: aumento do tempo de exploração da força de trabalho; intensificação da exploração da força de trabalho e redução do valor da força de trabalho abaixo de seu valor. Esses termos implicam sim obterem o valor ~~menor~~ justo necessário a sobrevivência do trabalhador para o capital maior e estrangeiro (Marini, 2011). No caso brasileiro a superexploração se deu pelo trabalho não remunerado (trabalho escravo) e, após a "libertação da escravatura" pelo trabalho remunerado, mal pago e subalterno. O processo de superexploração do trabalho, que qual foi submetido Negros e Negras gerou desigualdades raciais e preconceitos que perdura até os dias atuais. Sendo assim os Negros e negras que se encontram embaixaria, em promotorias de justiça emprego e que, segundo IBGE (2022) recebem salários inferiores aos que recebem a população branca. As mulheres negras têm duas vezes mais chances de serem mortas que as mulheres brancas, são as Negras Maiores Vítimas de Violência doméstica e de Homicídio, em relação às brancas. Os jovens negros são em maior peso vítimas de Homicídio e de encarceramento. Para a essa realidade autores afirmam que a questão social e de gênero tem que estar articulada a questão da classe e os fundamentos do Serviço Social (Almeida 2012; Pachá 2018, Elpidio 2022). Tal realidade expressa a questão social, estando o racismo na base dessas expressões, como afirma Matheus o racismo não é uma expressão da questão social, ele está na base de todos eles (Matheus 2019). Ao Serviço Social, que tem a questão social como matéria prima de sua atuação. Interessa questionar quem são os sujeitos alvo de suas intervenções? Quais são os processos de desigualdades que sustentam essa lógica?

O projeto ético-político do Serviço Social sustenta uma ação social pro-sociedade que se posiciona contra todos os tipos de exclusões e opressões. Dos 11 principios do Código de Ética, os 5 denunciam processos de exploração e exclusões (Cardoso, 2015).

EM BRANCO

Código:

11

A defesa de seu projeto de atuações comprometido com a defesa intrínseca ante da liberdade e de uma sociedade mais justa está demarcada em um conjunto de regulamentos constituída pela professão nos últimos 30 anos (Código de ética profissional de 1993, Lei que regulamenta a profissão/93 e Diretrizes Curriculares da ABEPSS de 1996).

Mas nem sempre foi assim. No início das profissões, sob bases conservadora a prática do Serviço Social sustentou práticas racistas e hegemônicas. Surgida na déc de 1930/1940 com a política itigista do Estado, sua transição da economia colonial para industrial, o Serviço Social é requisitado pelo estado para atuar nas expressões da questão Social, tendo a população negra desempregada ou mal empregada, excluída socialmente, como alvo de sua atuação.

Aqui destacamos o conceito de questão social interpretada por Saramago (2001) e Neto (2001) resumida da seguinte forma: Resultante do processo de exploração do trabalho em que o trabalhador vende sua força de trabalho para o dono dos meios de produção e em troca recebe um salário insuficiente para garantir sua reprodução; resultante da luta de classe, dada a consciência do trabalhador desse processo de exploração, resultante da atuação do estado que, para garantir a política social, implementa políticas sociais p/ mitigar os efeitos da exploração.

O Serviço Social chamado para atuar nas expressões da questão Social. Trata das desigualdades impostas pelos setores sociais de exploração, constituída pela divisão de classe, raça e gênero atua, nos primeiros 50 anos de profissão contribuindo com a manutenção de uma sociedade racista e patriarcal, que são formas de dominância, para garantir o processo de acumulação capitalista. Aqui fazemos num parêntese p/ aplicar, porque isso ocorre. Segundo Cusme (2018) a sociedade capitalista se sustenta pelo processo de exploração de uma classe sobre a outra (trabalhadores X donos dos meios de produção). Essa relação de exploração deve ser mascarada. Para manter os setores de exploração escondidos a sociedade capitalista a base dos corpos diferenciados estabelece grau de importância. Assim, à sociedade



EM BRANCO

Código:

11

capitalista, é demarcada pela desonração dos corpos e Nesse sentido não existe possibilidade de uma relação de igualdade nessa sociedade. Somente com a supressão dessa sociedade é possível minimizar as situações de opressões e explorações que sustentam as relações raciais de classe, raça e gênero (Ferreira, 2008).

Assim, Somente com a aproximação e o aprofundamento da Teoria Marxista no Serviço Social (anos de 1980) é que a profissão compreende a necessidade de construção de um projeto profissional que defende uma nova sociedade livre dessas opressões. As diretrizes curriculares para formação de profissionais comprometidos com uma formação antirracista e antipatriarcal, apesar de ser revolucionária, não trazem questões sociais e de gênero para o centro do processo formativo. futuros abrem para a necessidade de que o debate das questões racial e de gênero seja articulado nos três núcleos do Projeto Serviço Social (Pachá, 2018; Filho, 2011; Almeida, 2012). O Serviço Social tem se dedicado a não desenvolver o debate de classe, de raça e gênero, sua compreensão de que, como afirmam Chorão Vieira e Lélia Gonzalez, a se aproximar da Teoria Marxista e apropriar-se dela a questão de raça e gênero não poderia ter desvinculada. Além disso, essa não apropriação inadequada invisibiliza a luta dos negros no país, bem como não valoriza a produção de autores que debatiam historicamente essa questão (Moura, 2019; Lélia, 2014). Num esforço de reerguer o debate de raça e gênero e sua relação com os fundamentos do Serviço Social a profissão, por meio do Conselho PEFSS/CPRESS e ABEPSS, implantou em 2010 o grupo de trabalho para debater sobre os processos de exploração e opressão. A partir disso desse GTP resultou em produções de pesquisa, peças de debates, memoriais, mas diversos encontros profissionalizaram o debate e os processos de questões étnicas/sociais e de gênero no Serviço Social. Outra iniciativa foi a implementação da plataforma antirracista que disponibiliza referências sobre esses temas tópicos com possibilidade de serem utilizados em todos os âmbitos temáticos do Serviço Social. A ideia é que a plataforma ~~forneça~~ conteúdo para que, em todos os discursos do Serviço Social, as questões racial e de gênero sejam trabalhadas de forma transversal. também o documento Subsídios para formação



EM BRANCO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Código:

JJ

o atuações do Serviço Social propõe o debate, a madureamento e compromisso da profissão nas dimensões do processo de formação. ~~Entender~~ Ensinando, ensinando, pesquisa e extensão, com a questão social e de gênero - Esse é o maior alvo do conjunto CEFESS/ERESS pretendem dar conta da lacuna que ficou na aproximação da profissão com a teoria Marxista. Enfim, o projeto profissional sustentado e orientado pelo Método M-H é desafiá-la profissão a olhar a realidade concreta e interpretá-la from lentes amplas. Nesse caso, a realidade brasileira é marcada pelo processo de exploração de negros e negras que se perpetua nos dias atuais, sustentadas por mecanismos de dominar os negros o racismo e o patriarcado. Afirmamos aqui a necessidade de superação desses formas de opressão que só pode haver em outras formas de sociabilidade. Consideramos com a afirmação de que a luta antirracista e luta anticapitalista (Almeida, 2014).



EM BRANCO